

# INCURSÃO ANFÍBIA COM EMPREGO DE UNIDADES DE INFANTARIA\*

LEONEL MARIANO DA SILVA JÚNIOR\*\*  
Capitão de Fragata (FN)

---

## SUMÁRIO

Introdução  
Aspectos doutrinários da Incurção Anfibia  
Incurções Anfíbias a partir da Segunda Guerra Mundial  
A Operação Archery  
O presente e o futuro das Incurções Anfíbias  
Conclusão

## INTRODUÇÃO

A doutrina para as Incurções Anfíbias (IncAnf), da forma como hoje se apresenta, começou a se desenvolver na Segunda Guerra Mundial (2ª GM). Desde então, essas operações marcaram-se, em suas ocorrências históricas, pela distinção em dois tipos, conforme a natureza das unidades que nucleavam a Força de Incurção (ForInc): de infantaria ou de operações especiais.

Neste artigo, serão apresentados, primeiramente, alguns aspectos doutrinários atinentes às IncAnf, que darão o embasamento para análise futura, seguidos da sua evolução histórica a partir da 2ª GM, verificando-se qual dos seus tipos foi empregado em cada operação realizada. Posteriormente, descreve-se o emprego de uma ForInc nucleada em unidade de infantaria. O exemplo apresentado é a Operação Archery, realizada por forças

\* Artigo apresentado à Escola de Guerra Naval (Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores – 2013) e publicado na revista *O Anfíbio* v. 32, 2014.

\*\* Serve atualmente no Comando da Tropa de Reforço.

britânicas na Noruega ocupada por forças alemãs, em dezembro de 1941. Por fim, à luz dos ensinamentos obtidos do exemplo histórico e das demandas que, nos dias atuais, poderiam levar à realização de uma IncAnf, particularmente no contexto das Forças Armadas do Brasil, serão identificadas quais as principais vantagens, atualmente e no futuro, do emprego de um Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais (GptOpFuzNav), nucleado em unidade de infantaria, na realização dessa modalidade de operação anfíbia.

## ASPECTOS DOUTRINÁRIOS DA INCURSÃO ANFÍBIA

A operação anfíbia, operação naval lançada do mar, por uma Força-Tarefa Anfíbia, sobre região litorânea hostil ou potencialmente hostil para introduzir uma força em terra a fim de cumprir missões designadas, comporta cinco modalidades: assalto, incursão, demonstração, retirada e projeção anfíbia. Quanto às incursões anfíbias, preconiza a Doutrina Básica da Marinha:

A IncAnf compreende uma rápida penetração ou a ocupação temporária de um objetivo em terra, seguida de uma retirada planejada. Esta modalidade não se caracteriza pelo emprego de forças de menor vulto, nem pela duração da operação, mas sim pelo fato de haver uma retirada planejada (BRASIL, 2014, p. 3-5).

A IncAnf pode ter como propósitos: destruir ou neutralizar objetivos; obter informações; executar operações de desmistamento; salvaguardar a vida humana; capturar, evacuar ou resgatar<sup>1</sup> pessoal e material; apoiar outras operações; inquietar

o inimigo; e elevar o moral da tropa (propósito psicológico).

No caso de realização de IncAnf com o propósito de evacuação de pessoal, há uma observação a ser feita quanto às operações de evacuação de não combatentes (OpENC), normalmente realizadas por meio de uma projeção anfíbia, operação de menor cunho agressivo. Pela doutrina do Ministério da Defesa, uma OpENC envolverá a entrada de uma força no território do país anfitrião, ocupação temporária de objetivos que assegurem segurança para a realização de uma retirada planejada de não combatentes, seguida da retirada planejada da própria força. Essa força deverá estar preparada para mudanças rápidas no ambiente da operação, que pode passar de permissivo para incerto ou hostil, conforme a evolução da crise. Desta forma, uma IncAnf, realizada com propósito de evacuação de não combatentes em um ambiente hostil, também poderia ser considerada uma OpENC. Pode-se supor até mesmo que uma operação tenha o seu planejamento iniciado como projeção anfíbia e, depois, no caso de o litoral passar a ser considerado hostil ou potencialmente hostil, passe a ser tratada como uma IncAnf. O inverso também poderia ocorrer.

A necessidade de retirada planejada deve nortear o planejamento de uma IncAnf e faz com que, nessa operação, nem todos os componentes da Força de Incursão efetivamente atuem em terra: somente desembarcarão os que forem necessários, diferentemente de um assalto anfíbio, em que todos os meios de fuzileiros navais realizam o desembarque e se estabelecem em terra.

De acordo com Till (2007), em geral os dois tipos de unidades requeridos para a realização de “operações expedicionárias” são os de operações especiais e os de infan-

<sup>1</sup> A diferença básica entre resgate e evacuação é a liberdade relativa de movimento que o pessoal evacuado possui, diferentemente do pessoal a ser resgatado, que se encontra na condição de refém.

taria leve<sup>2</sup>. Segundo o autor, essa natureza da tropa determina como serão a inserção e a extração da força, sendo aspecto central para o desenvolvimento dessas operações.

Em IncAnf nucleadas por unidades de operações especiais, os elementos finalizam o movimento navio-para-terra (MNT), provenientes dos navios, não por meio de desembarques, e sim infiltrando-se em sigilo, por meios especiais, normalmente um ou mais dias antes do desencadeamento de suas ações ofensivas, progredindo posteriormente também em sigilo até os objetivos. O desencadeamento das ações em terra dá-se assim com grande surpresa e poder de fogo sobre o inimigo, permitindo que tropas com efetivos reduzidos obtenham sucesso.

Já nas IncAnf nucleadas por unidades de infantaria, essas finalizam o MNT desembarcando, em praias de desembarque, zonas de desembarque ou locais de pouso de helicópteros, que poderão ou não estar defendidos pelo inimigo, e progridem no terreno para realizar suas tarefas por meio de ações clássicas de infantaria. Este tipo de IncAnf poderá envolver também operações especiais.

Deve ser ressaltado que a clara distinção entre unidades de operações especiais e de infantaria, verificada atualmente no Corpo de Fuzileiros Navais (CFN), pode não ser encontrada nas unidades de fuzileiros navais de outros países. Na 2ª GM, tropas britânicas e norte-americanas chamadas,

respectivamente, de *commandos* e *raiders*<sup>3</sup>, realizaram ações dos dois tipos. Em particular, o termo *commandos*, que no Brasil atualmente é utilizado por tropas de operações especiais, até hoje é usado para se referir aos fuzileiros navais britânicos que realizam as operações anfíbias. As unidades britânicas criadas na 2ª GM deram origem ao que atualmente é a 3ª Brigada de *Marines Commandos*, que participou desde o desembarque na Normandia, na 2ª GM, até o assalto anfíbio em Al

**Winston Churchill,  
empenhado em manter  
elevado o moral britânico  
e em buscar a iniciativa  
no conflito, enviara um  
memorando ao chefe do  
Estado-Maior das Forças  
Armadas da França para  
que envidassem seus  
esforços para manter um  
“reino de terror” sobre  
as forças alemãs nos  
territórios ocupados na  
Europa**

Faw, no Iraque, durante a Segunda Guerra do Golfo, em 2003.

## **INCURSÕES ANFÍBIAS A PARTIR DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

Em 4 de junho de 1940, durante a 2ª GM, encerrava-se a retirada da Força Expedicio-

2 Till (2007) cita, como exemplos de Inf leve, as unidades dos fuzileiros navais e as dos exércitos transportadas por meios aéreos, paraquedistas ou não.

3 Tropa criada pelo Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA (USMC) em 1941, para atuar, como os *commandos* britânicos na Europa e África, contra alvos japoneses no teatro de operações do Pacífico. Porém tal designação deixou de existir em 1943, com a mudança no desenrolar do conflito, que, a partir do início da ofensiva dos EUA, envolveu uma grande série de Assaltos Anfíbios (AssAnf), o que demandava que os *raiders* executassem as mesmas tarefas dos demais fuzileiros navais. Aliou-se a esse fato a resistência institucional, da maioria do USMC, à existência de uma “força de elite” em suas fileiras, que já seriam por si só compostas pela elite das Forças dos EUA.

nária Britânica de Dunquerque, na França, após a ofensiva alemã que culminou com a conquista da França e da Bélgica. Alguns dias antes desse evento, o primeiro-ministro britânico, Winston Churchill, empenhado em manter elevado o moral britânico e em buscar a iniciativa no conflito, enviara um memorando ao chefe do Estado-Maior das Forças Armadas da França para que envidassem seus esforços para manter um “reino de terror” sobre as forças alemãs nos territórios ocupados na Europa.

Com base na solicitação de Churchill, o Tenente-Coronel do Exército Dudley Clarke (1899-1974), assistente do chefe do Estado-Maior Geral, criou um plano que buscava adaptar para a situação da época as táticas que os espanhóis desenvolveram contra os franceses durante as guerras napoleônicas (1803-1815), em que lançavam ataques de surpresa atrás das linhas inimigas, com pequenos grupos de soldados irregulares: as guerrilhas. Tais táticas também haviam causado grandes perdas aos britânicos, quando utilizadas pelos colonos holandeses durante a guerra dos bóeres de 1899-1902, na África do Sul, e por rebeldes árabes na Palestina ocupada pelos britânicos, em 1936. Seu plano consistia em lançar, no continente europeu ocupado pelos alemães, ataques de surpresa com o propósito de fazer os germânicos desviarem forças de outros Teatros de Operação (TO) para proteger as costas europeias. Em 8 de junho, o plano foi aprovado por Churchill.

Desta forma, seriam realizadas ações sobre objetivos no continente europeu, a fim de se atingirem dois propósitos mais amplos: um político (elevar o moral das forças britânicas) e um estratégico (apoiar operações em outros TO, com o desvio de tropas alemãs).

Clarke, sul-africano de nascimento, deu então o nome de *commandos* às novas unidades constituídas para tais ataques, com base no nome que os bóeres davam às suas unidades móveis: *kommandos*<sup>4</sup>. Originalmente, os comandos eram divididos em um estado-maior e dez tropas, cada uma com três oficiais e 47 praças. Essa organização diferia da padrão de um batalhão de infantaria, arma núcleo de onde saiu a maioria dos componentes dos comandos, mas era similar quanto ao efetivo de militares empregados. Em 1940, constituíram-se dez unidades de comandos, com voluntários de praticamente todas as unidades do Exército britânico; a partir de fevereiro de 1942, criaram-se outras cinco, com fuzileiros navais.

Em 24 de junho de 1940, 16 dias após a aprovação de Churchill, realizou-se a primeira incursão de comandos, em Boulogne, na França ocupada. Essa operação, bem como as realizadas no mês seguinte, em Guernsey (ilha britânica no Canal da Mancha) e em Bardia, na Líbia, em abril de 1941, ambas as regiões ocupadas pelos alemães, não teve bons resultados. Buscou-se nessas IncAnf realizar operações especiais, com a infiltração em locais afastados das guarnições inimigas, mas erros no planejamento e na execução demonstraram a necessidade de as novas unidades melhor desenvolverem sua organização e seu adestramento.

Ainda em 1941, houve uma IncAnf de forças britânicas nas Ilhas Lofoten e uma de forças canadenses em Spitzbergen, ambas na Noruega ocupada pelos alemães. Essas IncAnf podem ser classificadas como de infantaria, mas não contaram com oposição de vulto, o que contribuiu para a obtenção de resultados satisfatórios.

A primeira IncAnf de infantaria desse conflito, com efetiva oposição, foi a lan-

4 Palavra da língua africâner, dialeto utilizado pelos colonos holandeses na África do Sul, que significa “unidade militar”.

çada pelos britânicos em Vaagso, também na Noruega, em dezembro desse ano, com resultados considerados altamente satisfatórios. Além de proporcionar a destruição da guarnição local, instalações industriais e navios alemães; a evacuação de voluntários noruegueses para o combate no exílio e a captura de material sigiloso e prisioneiros de guerra alemães, essa operação efetivamente serviu como diversão estratégica, desviando tropas alemãs de outros teatros de operação para a defesa da Noruega, e foi utilizada como fonte de ensinamentos para as operações anfíbias que a seguiram.

Ainda na 2ª GM, em novembro de 1941, houve uma IncAnf de operações especiais realizada pelos britânicos – em Beda Littoria, na Líbia, contra o comando alemão na região<sup>5</sup>, extremamente mal-sucedida: de 53 militares que se infiltraram, somente dois sobreviveram. Seguiram-se a essa operação, em 1942, diversas IncAnf do mesmo tipo bem-sucedidas, realizadas pelos britânicos contra objetivos na Europa ocupada pela Alemanha: em St-Nazaire<sup>6</sup>, Boulogne, Cabo Barfleur e St-Honoré (França), em Casquet e Sark (Ilhas do Canal da Mancha) e em Glamfjord (Noruega).

**Após a 2ª GM, dentre os conflitos marcados pela ocorrência de operações anfíbias, somente voltou a haver registro de IncAnf na Guerra do Vietnã (1965-1975)**

Já a maior em vulto das IncAnf da 2ª GM (de infantaria) foi realizada por canadenses e britânicos em Dieppe, na França ocupada, em agosto de 1942. Planejada para desembarcar cerca de 6 mil homens, essa operação mostrou-se inadequadamente planejada e baseada em informações equivocadas, tendo sido considerada um fracasso extremamente custoso, somente não de todo infrutífero pelos ensinamentos que gerou sobre como não deveria ser um assalto anfíbio sobre as praias defendidas pelos alemães na França ocupada.

No mesmo mês da operação em Dieppe, mas no teatros de operações (TO) do Pacífico, *raiders* dos EUA realizaram duas IncAnf de infantaria bem-sucedidas, nas ilhas de Butaritari e Makin (no então protetorado britânico das Ilhas Gilbert, hoje parte da República de Kiribati), ocupadas pelos japoneses. Essas IncAnf visavam à destruição das guarnições japonesas nas ilhas, e, em Makin, também à destruição de instalações, captura de prisioneiros, obtenção de dados e diversão estratégica em apoio à campanha que seria iniciada pelos norte-americanos na Ilha de Guadalcanal. Seguiram-se nesse TO, ainda em 1942, durante a campanha de Guadalcanal, IncAnf de operações especiais para

5 Sua tarefa era matar ou capturar o líder das forças alemãs na Líbia, General Erwin Rommel (1891-1944), mas as informações foram inadequadas: a instalação atacada era, na verdade, o quartel-general dos serviços de abastecimento alemão e italiano, e Rommel não a frequentava.

6 Considerada a “maior de todas as incursões”, não pelo vulto, mas pela audácia nas ações e pelos resultados obtidos. Nela, 622 *commandos* chegaram ao porto por meio de um contratorpedeiro antigo da Marinha dos EUA (*Campdeltown*), que simulava ser um navio alemão, destruíram as instalações, navios ancorados e o dique seco do porto de St-Nazaire, explodindo inclusive o *Campdeltown*, para que este encalhasse no porto. Ali havia o único dique seco capaz de reparar o então maior navio alemão, o Encouraçado *Tirpitz*, que assim refugiou-se na Noruega até o reparo do dique, um ano e meio depois, quando a Batalha do Atlântico já se encontrava decidida para o lado aliado.

reconhecimento, realizadas por *raiders* em Savo e Tasimboko (Ilhas Salomão).

Após a 2ª GM, dentre os conflitos marcados pela ocorrência de operações anfíbias, somente voltou a haver registro de IncAnf na Guerra do Vietnã (1965-1975). Em 1965, sete IncAnf de infantaria foram realizadas pelos EUA – em Chu Lai, Batangan, Vung Mu, Ben Goi, Tam Quam, Lang Ke Ga e Phu Thu, no então Vietnã do Sul, a fim de capturar vietcongues e destruir suas bases. As duas primeiras, com efetivos norte-americanos de cerca de 2 mil homens, duraram seis e três dias, respectivamente, e as demais, de menor vulto, apenas um ou dois dias. Apesar de ter havido mortos e prisioneiros entre os vietcongues, os mesmos, organizados como forças de guerrilha, retornavam às regiões após a retirada da Força de Incurção. Essa série de IncAnf, como um todo, não foi considerada bem-sucedida, não obtendo ganhos relevantes de inteligência e de baixas inimigas para as forças norte-americanas.

Essas IncAnf, apesar de serem classificadas como de infantaria, envolviam ações de busca e destruição de forças de guerrilha, o que fazia com que não houvesse ameaça significativa ao desembarque e à retirada da Força de Incurção.

Em 1979, mesmo sem conflito aberto entre EUA e Irã, houve uma IncAnf de operações especiais: elementos do USMC e do Exército norte-americano foram infiltrados por helicóptero, a partir do Porta-Aviões *Nimitz*, que operava no Mar da Arábia, para resgatar 65 cidadãos dos EUA feitos reféns em sua Embaixada em Teerã, capital do Irã. A missão foi abortada antes do resgate, devido à queda de um helicóptero no deserto iraniano.

Na Guerra das Malvinas (1982), os britânicos realizaram uma IncAnf de operações especiais contra posições argentinas na Ilha de Pebbles, destruindo um campo

de pouso, aeronaves e um radar, em apoio a um Assalto Anfíbio (AssAnf), que ocorreria a seguir na Baía de San Carlos.

Por fim, em 1991, na Primeira Guerra do Golfo (1990-1991), tropas dos EUA realizaram uma IncAnf de infantaria na ilha kwaitiana de Umm Al-Maradim, ocupada por tropas iraquianas que ali haviam estabelecido um radar e posto de escuta. Não houve oposição à ação norte-americana, tendo a ilha sido evacuada antecipadamente pelos iraquianos. Como resultados, houve a destruição de equipamentos e a captura de material controlado, além de, como manobra diversionária, contribuir para a dúvida iraquiana sobre um eventual assalto anfíbio norte-americano no litoral do Kwait ocupado.

Constata-se assim que há relativo equilíbrio quanto ao total de ocorrências dos dois tipos de IncAnf. A fim de se verificar, com base em exemplo real, em que condições um comandante operacional poderá fazer melhor uso de uma IncAnf de infantaria, faz-se mister analisar uma operação desse tipo bem-sucedida e com efetiva oposição inimiga a todas as etapas da IncAnf, inclusive ao desembarque e à retirada planejada. Dentre as apresentadas neste estudo, as operações em Vaagso, Butaritari e Makin, na 2ª GM, são as únicas que reúnem essas condições. A IncAnf realizada por forças britânicas em Vaagso foi, dessas três, a operação com maior quantidade de meios empregados, inclusive efetivos de tropa. Era também a única com a necessidade de se proteger a ForInc contra reforços que viessem por terra. Por essas razões, será abordada neste estudo.

## A OPERAÇÃO ARCHERY

Com a invasão da União Soviética pela Alemanha, em junho de 1941, os soviéticos passaram a demandar dos britânicos que pressionassem os alemães pelo oeste, a fim de dividir suas forças. Os britânicos com-



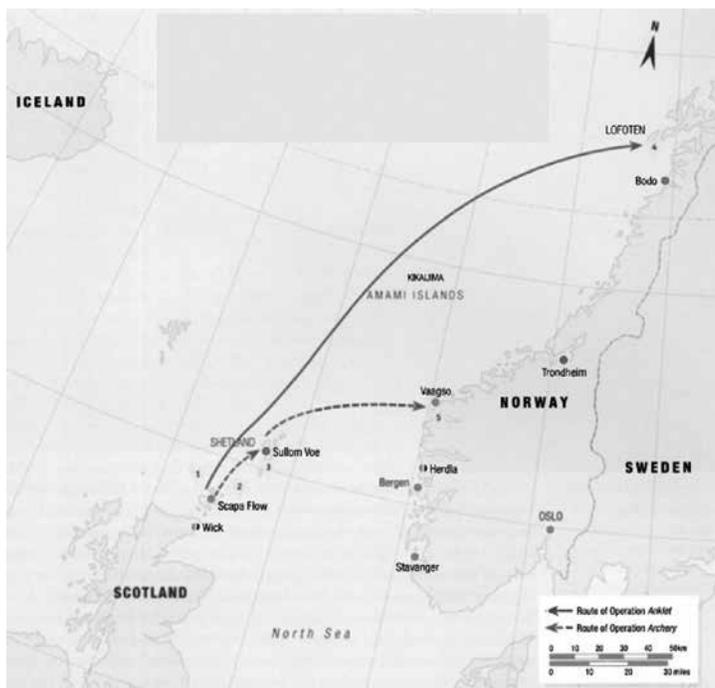


FIGURA 2 – Operações Archery e Anklet

- 1 – 22 de dezembro: meios da Operação Anklet deixam Scapa Flow
- 2 – 24 de dezembro: meios da Operação Archery deixam Scapa Flow
- 3 – 25 de dezembro: meios da Operação Archery são forçados a parar nas Ilhas Shetland, devido a danos causados por tormenta
- 4 – 26 de dezembro: Operação Anklet é desencadeada nas Ilhas Lofoten
- 5 – 27 de dezembro: Operação Archery é desencadeada em Vaagso

Fonte: FORD, 2011, p. 13.

documentos e máquinas de criptografia alemães e prestar ajuda a colaboracionistas noruegueses (chamados *quislings*). Além disso, apoiaria, no nível operacional, a realização da Operação Anklet, dividindo os esforços dos navios e aeronaves alemães baseados na Noruega.

A data prevista para a incursão em Vaagso era 21 de dezembro de 1941. Adiada pelas más condições meteorológicas durante os ensaios e a travessia, ocorreria somente em 27 de dezembro. A Operação Anklet iniciou-se um dia antes, com um pequeno desembarque nas Ilhas Lofoten.

Quanto às defesas alemãs, acreditava-se que eram compostas por uma guarnição

de 150 soldados de infantaria, um carro de combate e cerca de cem trabalhadores utilizados nas fábricas de óleo de fígado de bacalhau. Uma bateria de quatro canhões, posicionada na Ilha de Maaloy, e outra de dois canhões, protegiam a entrada do fiorde de Vaagso. Havia ainda uma bateria móvel de obuseiros de 105 mm em Halsor, no norte da Ilha de Vaagso, protegendo a entrada norte para Ulvesund, onde os comboios alemães costumavam se formar e poderiam ser encontrados navios mercantes, incluindo traineiras armadas. Não havia navios de guerra alemães na

área. Havia três aeródromos de onde as aeronaves de ataque alemãs poderiam alcançar Vaagso, em Herdla, Stavanger e Trondheim, porém as provenientes dos dois últimos necessitariam de reabastecimento em Herdla.

A Força de Incursão tinha um efetivo de 51 oficiais e 525 praças. Nucleada em elementos de infantaria, possuía também elementos de engenharia de combate (especializados em demolições com explosivos), de saúde, inteligência e comunicação social. Noruegueses exilados também compunham o efetivo, nas funções de guias e intérpretes. A força aérea britânica dispunha de dois aeródromos dentro do

alcance para apoiar as ações em Vaagso: Sumburgh, nas Ilhas Shetland, e Wick, no norte da Escócia.

A ForInc foi dividida em cinco grupos, com os seguintes efetivos e tarefas:

- Grupo 1, com cerca de 50 militares, para conquistar a área de Hollevik, onde havia uma posição de armas automáticas alemã, e posteriormente passar à reserva do Grupo 2;

- Grupo 2, com cerca de 200 militares, para conquistar Vaagso do Sul e destruir as fábricas e outras instalações alemãs na localidade;

- Grupo 3, com 105 militares, para conquistar a Ilha de Maaloy, destruindo a

bateria de canhões, fábricas e outras instalações alemãs na ilha;

- Grupo 4, com 65 militares, atuando como reserva embarcada, sob o controle direto do comandante da ForInc; e

- Grupo 5, com cerca de 30 militares, para bloquear a estrada em Rodberg (ou Raudeberg), ao norte de Vaagso do Sul, impedindo a aproximação de reforços alemães, particularmente a bateria móvel de obuseiros, vinda de Halsor.

Essa organização encontra reflexos na doutrina atual do CFN, na divisão do Componente de Combate Terrestre de uma ForInc em Grupamentos Funcionais (GptFunc). Os Grupos 2 e 3 atuaram como



FIGURA 3 – Ilha de Vaagso  
Fonte: Google Earth, 2013.

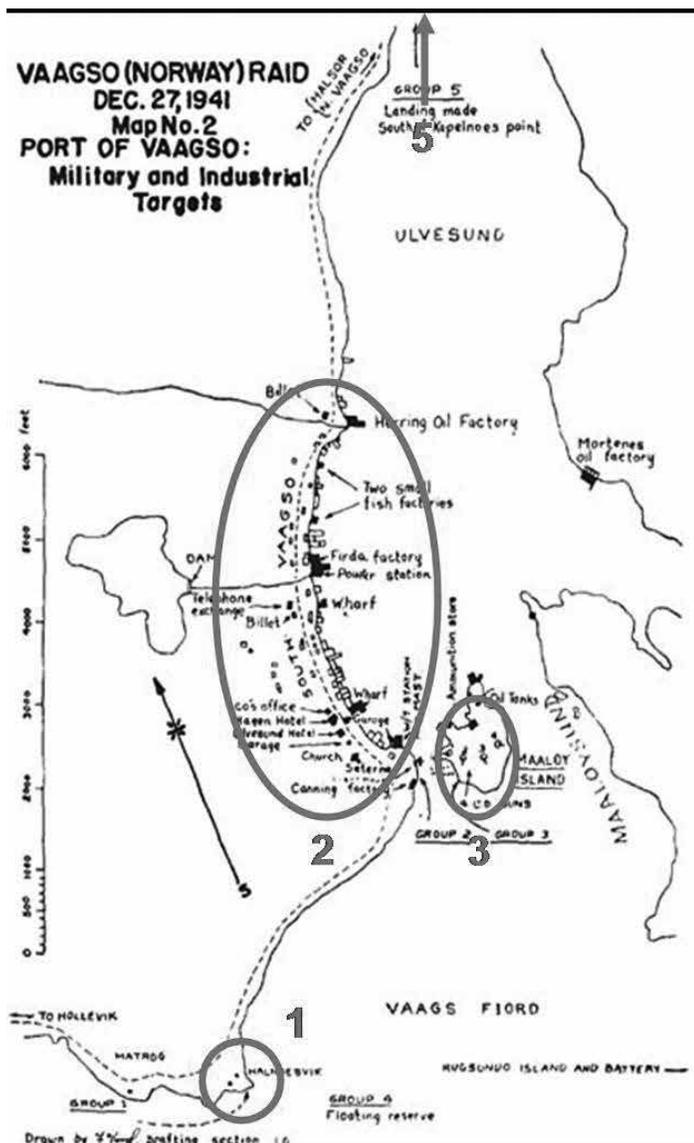


FIGURA 4 – Operação “Archery”

Os números 1, 2, 3 e 5 indicam as regiões de atuação dos Grupos do CCT. O Grupo 5 atuava ao norte da região apresentada, daí a seta. O Grupo 4 constituía a reserva do CCT.

Fonte: EUA, 1942.

GptFunc de Assalto, pois realizariam a destruição de instalações e as outras tarefas

de ForInc, em Vaagso do Sul e na Ilha de Maaloy. Já os Grupos 1 e 5 realizaram tarefas de GptFunc de Cobertura, destruindo uma posição de armas automáticas e bloqueando a chegada de reforços inimigos, provendo proteção às ações dos Grupos 2 e 3. O Grupo 4, por sua vez, atuou como GptFunc de Reserva.

A Força-Tarefa Anfíbia era composta do Cruzador *Kenya* (capitânia) e de quatro destróieres, que proveriam apoio de fogo naval, além de dois navios-transporte de tropas. Um submarino (*Tuna*) atuaria como “farol”, posicionando-se antecipadamente para guiar os demais navios, durante a escuridão, para a entrada do fiorde de Vaagso. Bombardeiros britânicos proveriam apoio ao desembarque, além de lançarem bombas de fumaça sobre as praias de Desembarque, para proteger as tropas da observação alemã.

A hora do desembarque (Hora-H) foi marcada para as 8h57 (hora local) de 27 de dezembro. Neste dia, o início do crepúsculo matutino náutico (ICMN) se daria às 7h43, o do crepúsculo matutino civil (ICMC) às 8h49 e o nascer do sol ocorreria às 10h03<sup>9</sup>.

<sup>9</sup> Levantamento feito para a cidade norueguesa de Trondheim, local mais próximo de Vaagso (e com latitude similar), cujos dados encontraram-se disponíveis. Fonte: www.sunrisesunset.com. Acesso em: 21 jul. 2013.

Às 7h39, os navios fizeram contato com o *Tuna* e, protegidos pela escuridão e com práticos noruegueses, penetraram no fiorde sem serem detectados. Às 8h42, iniciou-se o movimento navio-para-terra das embarcações de desembarque. Às 8h48, iniciou-se o apoio de fogo naval e aéreo sobre as posições alemãs e as baterias de artilharia de costa. O principal objetivo do fogo naval foi a bateria de canhões na Ilha de Maaloy. Para neutralizá-la, o Cruzador *Kenya*, com canhões de 152 mm, e mais dois destróieres lançaram, em nove minutos, mais de 400 granadas sobre cerca de 250 metros quadrados. Às 8h56, aeronaves Hampdens britânicas lançaram bombas de fumaça sobre as praias. Uma dessas bombas, proveniente de uma aeronave abatida por fogos antiaéreos alemães, caiu sobre uma embarcação de desembarque, causando 20 baixas no Grupo 2. À Hora-H, as demais embarcações abicaram nas praias de Desembarque.

A doutrina atual das operações anfíbias preconiza que, na seleção da Hora-H para um desembarque diurno, deve-se procurar reservar um período de luz, após o ICMN, para a preparação por fogos das praias e dos objetivos iniciais. Já a partir do ICMC, há iluminação natural para permitir observação do apoio de fogo. Portanto, verifica-se que a entrada dos navios no fiorde de Vaagso se deu antes do ICMN, com apoio do submarino “farol”, o que possibilitou a manutenção, o máximo possível, do sigilo das ações. O início dos fogos de preparação se deu entre o ICMN e o ICMC, e o desembarque se deu após o ICMC, mas antes do nascer do sol, contando ainda com apoio de bombas de fumaça. Tais aspectos permitiram a redução da visibilidade das tropas alemãs sobre a Força de Incursão, no momento do desembarque. Conclui-se assim que, nesses aspectos, esta operação encontra reflexos na doutrina atual.

Os grupos iniciaram então o cumprimento de suas tarefas: às 9h20, o Grupo 3 assumiu o controle da Ilha de Maaloy e sinalizou para um destróier, transportando o Grupo 5, poder demandar o Norte; o Grupo 3 recebeu então ordem para destruir a fábrica Mortenes, ao norte de Maaloy, executando-a às 10h15. Às 9h50, o Grupo 1 cumpriu suas tarefas em Hollevik e passou à reserva da Força.

O Grupo 2, entretanto, enfrentou difícil combate na localidade de Vaagso do Sul. Além das dificuldades inerentes às ações em área urbana, a guarnição alemã era maior do que o previsto (uma tropa de cerca de 50 homens, proveniente da frente oriental, onde combatia os soviéticos, encontrava-se na cidade em licença). Às 10h15, o Grupo 4 (reserva embarcada) o reforçou. Às 10h20, o Grupo 5 lançou bombas para produzir crateras na estrada em Rodberg e capturou inimigos em fuga de Vaagso do Sul. Às 10h40, devido às dificuldades no combate nessa localidade, os Grupos 1, 3 e 5 receberam ordem para reforçar o Grupo 2.

Aeronaves alemãs procedentes de Herdla iniciaram o ataque aos britânicos às 10h05. Tal ameaça poderia ser agravada com a vinda de aeronaves dos outros aeródromos na Noruega. A quantidade dessas aeronaves havia aumentado após o início da Operação Anklet, no dia anterior. O bombardeio pelos britânicos da pista de Herdla, às 12 horas, possibilitou o fim da operação em Vaagso com segurança.

Às 13h30, com todo o efetivo empregado em Vaagso do Sul, o Grupo 2 informou o cumprimento de suas tarefas. Iniciou-se então o reembarque das tropas, concluído às 14h34. Às 15 horas, os navios deixaram o fiorde.

A Força de Incursão destruiu todas as instalações alemãs na região de Vaagso, cabos telefônicos, um carro de combate, quatro baterias de defesa de costa e uma

antiaérea, tanques de óleo combustível, um depósito de munição, um farol, um gerador de energia, um depósito de minas terrestres e quatro fábricas de óleo de fígado de bacalhau. Foram mortos 150 soldados alemães e 98 foram feitos prisioneiros de guerra. Setenta e um noruegueses foram evacuados para se unirem ao exército norueguês no exílio. Os navios britânicos afundaram dez navios mercantes alemães, sendo que um estava artilhado e dotado de livros-códigos alemães utilizados nas costas francesa e norueguesa, que foram capturados intactos. Os britânicos tiveram 19 militares mortos e 52 feridos, e houve um morto e cinco feridos entre os habitantes da localidade.

Podemos concluir que o número de instalações destruídas (demandando grande quantidade de explosivos e especialistas em demolição), a forte defesa alemã na região e o fato de a operação requerer, em boa parte, combates em área urbana (área que dificulta a infiltração de elementos de operações especiais) foram fatores determinantes para que as ações da Operação Archery tenham sido de infantaria.

Em relatório conjunto dos comandantes envolvidos na operação, vários ensinamentos foram apontados. O tempo de três semanas para planejamento e execução da operação foi visto como sendo o mínimo requerido para um evento de tal vulto, bem como a realização de pelo menos dois ensaios em área semelhante à da operação.

No relatório conjunto, foi verificado também que as dificuldades de se combater em área urbana, aliadas à limitação imposta de não se causarem danos excessivos às propriedades norueguesas, fizeram com que as ações em Vaagso do Sul durassem mais tempo que o previsto, impondo-se inclusive a necessidade de destruição da pista em Herdla para se evitar o reforço de aeronaves alemãs. Esse relatório foi base para a série de operações anfíbias que viriam a seguir

na 2ª GM, lançadas pelos EUA e pelo Reino Unido, tanto no Atlântico como no Pacífico.

Outro aspecto que pôde ser observado na Operação foi a necessidade do levantamento mais detalhado possível sobre a situação militar do inimigo, a fim de que se pudesse determinar o efetivo que desembarcaria para o cumprimento das tarefas da ForInc. Esse efetivo deve ser o mínimo possível, considerando a necessidade de retirada posterior, mas deverá ter um vulto que permita o cumprimento das tarefas dessa Força, antes da chegada de reforços que inviabilizem esse cumprimento.

O líder alemão Adolf Hitler (1889-1945), ao ser informado do ataque a Vaagso, determinou o envio imediato de mais 12 mil homens para reforçar as defesas na Noruega. Interpretando que a série de IncAnf que culminara em Vaagso era um ensaio para um assalto anfíbio britânico no país nórdico, Hitler declarou a seus ministros, em janeiro de 1942, “sua convicção de que a Noruega era a zona do destino da guerra e que portanto exigia obediência incondicional às suas decisões sobre a defesa dessa área” (ROSKILL, 1956, p. 100, tradução nossa).

Posteriormente, foram desviados pelos alemães, de outros teatros de operações, uma divisão blindada e novas baterias costeiras, além de posicionados, para defesa do litoral norueguês, todos os meios navais possíveis. Tal processo de reforço não seria interrompido até 1944, com o desembarque aliado na Normandia, quando o efetivo alemão na Noruega era de 372 mil homens, boa parte dos quais provavelmente teria tido melhor emprego na frente russa ou francesa. A Noruega foi libertada em 1945, sem nenhum combate de vulto desde Vaagso.

A Operação Archery é, portanto, exemplo de diversão estratégica bem-sucedida. Pode-se supor que a realização de uma IncAnf de infantaria, com desembarque

de tropas similar ao de um assalto anfíbio, contribuiu para a convicção de Hitler, divulgada a seus subordinados apenas um mês após a operação, de que a Noruega seria decisiva para a 2ª GM.

Após a 2ª GM, o único exemplo de uma IncAnf que serviu como manobra diversoriária foi a que forças dos EUA realizaram na Ilha de Umm Al-Maradim, ocupada por tropas iraquianas. Essa IncAnf foi de infantaria, o que reforça a conclusão de que esta natureza de tropa é mais apropriada a tal propósito.

## O PRESENTE E O FUTURO DAS INCURSÕES ANFÍBIAS

Apresentaremos agora algumas considerações quanto à atual conjuntura internacional, consideradas relevantes para o emprego dos fuzileiros navais na realização de IncAnf, tanto no presente como no futuro.

Como primeiro aspecto relevante, a projeção do poder naval sobre terra apresenta-se cada vez mais provável de ocorrer em áreas urbanas. Em 2008, metade da população mundial vivia nessas áreas, e, em 2010, 44% da população mundial vivia a menos de 150 km da costa. Nos litorais, encontram-se cerca de 80% das capitais nacionais e a grande maioria dos centros de poder político e econômicos. Isso leva a que não se possam mais evitar, nas guerras do futuro, os conflitos em áreas urbanas.

Também é relevante a preocupação atualmente crescente, no cenário internacional, com a proliferação de armas de destruição em massa, com agentes nucleares, biológicos, químicos e radiológicos (NBQR). Devido à acelerada evolução científica, a

possibilidade dessas armas serem utilizadas em atos terroristas ou de sabotagem tende a aumentar. Para apoiar um GptOpFuzNav que seja empregado ante essas ameaças, o CFN dispõe atualmente de uma Companhia de Defesa NBQR com pessoal e equipamentos especializados, pertencente ao Batalhão de Engenharia de Fuzileiros Navais.

Nesse contexto, nos EUA, país de maior poder naval na atualidade, os comandantes do USMC, de Operações Navais e da Guarda Costeira emitiram em 2010 uma publicação conjunta denominada “Conceito de Operações Navais”, que afirma:

Forças navais receberão crescentemente tarefas ligadas ao contraterrorismo, à contraproliferação e à contrapirataria. Essas tarefas poderão envolver bombardeios e IncAnf conduzidos

com os propósitos de: destruição de terroristas e seus santuários; captura de piratas ou outros criminosos e cerco ao contrabando; resgate de reféns; ou segurança e remoção de material, incluindo

armas de destruição em massa (EUA, 2010, p. 64, tradução nossa).

Dadas as considerações acima e o verificado na Operação Archery, apresenta-se, primeiramente, um aspecto que reforçaria uma possível necessidade de uma IncAnf, seja de infantaria ou de operações especiais, para destruição de instalações, que seria a impossibilidade dessa destruição por meios aéreos. Naquela operação, as condições meteorológicas eram extremamente adversas (final de dezembro, no hemisfério norte, em região de altas latitudes), gerando até mesmo atraso no Dia-D da operação. Além disso, as construções se encontravam em área urbana, em país ocupado (população

### **A projeção do poder naval sobre terra apresenta-se cada vez mais provável de ocorrer em áreas urbanas**

não hostil), o que aumentava a possibilidade de danos indesejados, caso se empregasse o meio aéreo. Na atualidade, a possível existência de agentes NBQR seria outro aspecto que poderia inviabilizar ações de meios aéreos sobre as instalações.

Quanto às IncAnf de operações especiais, podemos concluir que serão a opção prioritária quando a IncAnf se destinar a realizar ações de resgate de reféns ou de captura de pessoal. Para ações de destruição e neutralização, poderão ser empregadas, mas um aspecto a ser considerado deverá ser a capacidade dessas tropas de transportar e preparar, em prazo curto, o material de demolição a ser empregado nessas ações.

No estudo sobre a Operação Archery, podem-se verificar alguns aspectos que fizeram com que a IncAnf fosse realizada com tropas de infantaria, e que podem ser replicados, tanto na atualidade como no futuro. O primeiro é, como já visto, a necessidade de combates em área urbana, devido às

dificuldades de movimentação que tal situação traz às tropas de operações especiais.

Outro aspecto foi o grande número de instalações a serem destruídas, que tornou necessária grande quantidade de explosivos e especialistas em demolição. Quanto a isso, não necessariamente haverá, em futuras ações, grande quantidade de construções, mas a preocupação crescente com a não proliferação de armas com agentes NBQR poderá levar à necessidade de destruição ou neutralização de instalações com esses agentes. Para tal, haverá certamente a necessidade de atuação de pessoal e equi-

pamentos especializados, o que dificultaria sobremaneira a realização de uma IncAnf de operações especiais para esse fim, pois o pessoal e os equipamentos especializados em defesa NBQR dificilmente poderiam ser infiltrados da mesma forma que os elementos de operações especiais.

A Estratégia Nacional de Defesa brasileira, promulgada em 2008, preconiza que a negação do uso do mar ao inimigo, o controle de área marítima e a projeção de poder marítimo, tarefas básicas do poder naval brasileiro, deverão ter como foco, entre outros, a defesa proativa das instalações de interesse e ilhas oceânicas nas águas jurisdicionais brasileiras e a prontidão para responder a ameaças às linhas de comércio marítimas.

O Almirante de Esquadra (FN) Alvaro Augusto Dias Monteiro, comandante-geral do CFN de 2007 a 2011, ressaltou, em artigo de 2010, que, para tanto, forças adversas têm que ser detidas ou dissuadidas além dos limites das águas jurisdicionais

brasileiras, devendo o poder naval do País ser capaz de influenciar todo o Atlântico Sul. Nesta visão, caberia ao CFN ser capaz de, entre outras ações, destruir ou neutralizar bases ou pontos de apoio do inimigo, neutralizar forças inimigas em suas bases, apoiar operações em terra, salvaguardar a vida humana e resgatar pessoal e material de interesse. Preconizou ainda que uma ferramenta indispensável para a credibilidade do poder naval é a existência de uma força que, a partir de bordo, chegue à terra capaz tanto de combater como de prover apoio humanitário.

**Há necessidade do Poder Naval Brasileiro manter-se em condições de empregar, rapidamente, GptOpFuzNav em ações antipirataria ou antiterroristas, particularmente no continente africano**

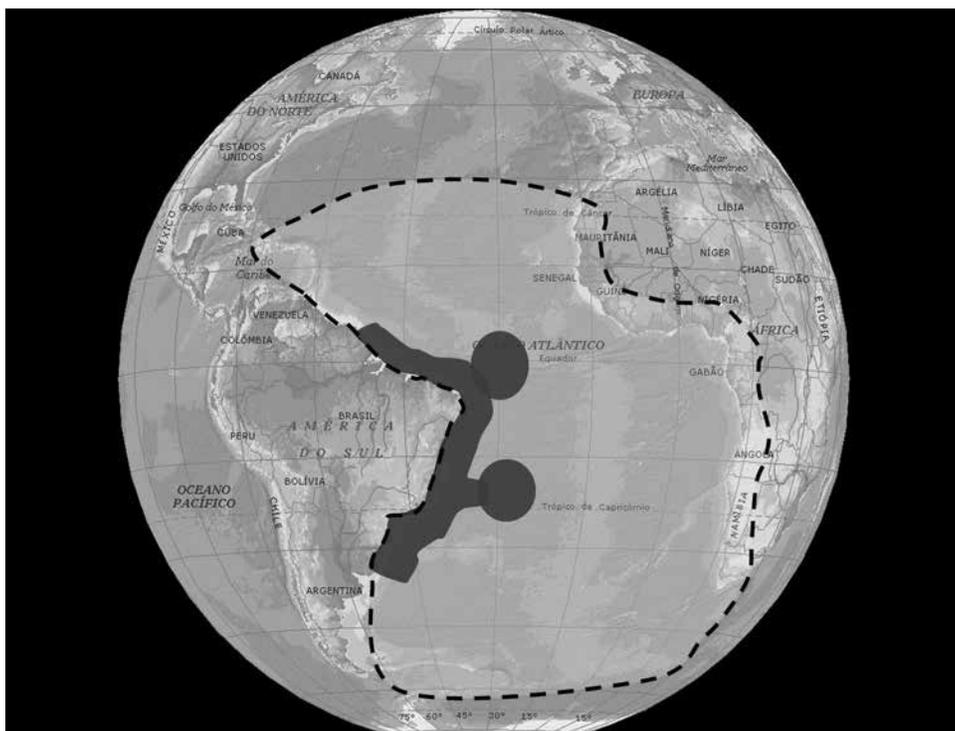


FIGURA 5 – Atlântico Sul (porção do entorno estratégico do Brasil)

Na orla ocidental da África, porção do Atlântico Sul em que o governo brasileiro tem manifestado interesse prioritário quanto à estabilidade e segurança, registraram-se, entre 2009 e 2012, 197 ataques no mar contra navios mercantes no Golfo da Guiné. Além de colocar em risco a segurança do comércio internacional no entorno estratégico do País, um possível vínculo entre os perpetradores de tais ataques e grupos terroristas regionais aumenta a preocupação do governo brasileiro. Em 2013, o ministro da Defesa do Brasil, Celso Amorim, afirmou que, caso a ameaça terrorista verificada no continente africano no mesmo ano, particularmente no Mali, atingisse a costa ocidental daquele continente, poderia afetar os interesses brasileiros.

Tais preocupações do governo do Brasil e as orientações quanto ao emprego do poder naval brasileiro, decorrentes da

Estratégia Nacional de Defesa, consubstanciam a necessidade deste poder manter-se em condições de empregar, rapidamente, GptOpFuzNav em ações antipirataria ou antiterroristas, particularmente no continente africano. Vem em reforço a essa conclusão o fato, já apresentado, de que a maior potência naval da atualidade apresenta orientações similares quanto ao possível emprego de seus meios na realização de IncAnf.

Além da tarefa principal de destruição de instalações, outra das tarefas realizadas pela ForInc da Operação Archery foi a Evacuação de Não Combatentes (ENC). No contexto atual, o crescimento dos interesses brasileiros no exterior vem contribuindo para o aumento da presença de empresas, representações e organizações do Brasil em outros Estados, causando o aumento do número de cidadãos brasileiros em território estrangeiro.

Em 2006, uma grande operação de ENC ocorreu no Líbano: em meio ao conflito entre Israel e o grupo guerrilheiro Hezbollah, meios navais e de fuzileiros navais dos EUA e de outros seis países evacuaram milhares de não combatentes. Somente os EUA retiraram 15 mil de seus nacionais. Já o Brasil retirou, por meios aéreos (militares e comerciais), 2.950 de seus cidadãos do Líbano, sem ter empregado força naval.

A crescente possibilidade de envolvimento de brasileiros e a grande quantidade de evacuados que pode ocorrer nesse tipo de operação, que, em caso de mudança do ambiente operacional para hostil, poderia passar a ser realizada por meio de uma IncAnf, são aspectos que reforçam a necessidade de se manter o preparo para IncAnf do tipo de infantaria, pois somente um grande efetivo de tropa poderia prover a segurança e lidar com as dificuldades logísticas inerentes a evacuação de tal porte.

## CONCLUSÃO

Verificam-se, portanto, diversas situações em que se pode concluir pela validade das

IncAnf, em um planejamento de nível operacional. Quanto às de infantaria, ressaltam-se, como aspectos que indicariam o seu emprego, em detrimento das de operações especiais:

- seu melhor emprego como despistamento, dadas as similaridades com o assalto anfíbio;
- a necessidade de destruição, neutralização ou captura de instalações ou materiais em grande quantidade ou envolvendo ameaças de agentes NBQR;
- a possibilidade de conflitos em áreas urbanas; e
- a possível necessidade de se lançar uma IncAnf com propósito de ENC, em ambientes operacionais incertos ou hostis.

Os aspectos acima, à exceção do primeiro, têm considerável relevância no contexto de emprego, atual e no futuro, do poder naval brasileiro. Desta forma, apesar de ter ocorrido relativo equilíbrio entre os totais de ocorrência dos dois tipos desde a 2ª GM, as IncAnf de infantaria aparecem com maior possibilidade de serem realizadas nesse contexto, conclusão relevante para a manutenção da eficiência no preparo, pela MB, dos GptOpFuzNav para o emprego em nível operacional.

## CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<FORÇAS ARMADAS>; Corpo de Fuzileiros Navais; Operação anfíbia; Comportamento operativo;

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, Celso. *O planejamento de defesa no governo Dilma Rousseff*. Rio de Janeiro: Escola Superior de Guerra, 2013. Aula magna ministrada para o Curso Superior de Defesa, em 11 mar. 2013.
- BRASIL. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. *CGCFN 0-1. Manual de fundamentos de fuzileiros navais*. Rio de Janeiro: Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais, 2013a.
- \_\_\_\_\_. *CGCFN 1-1. Manual de operações anfíbias dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais*. Rio de Janeiro: Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais, 2008a.
- \_\_\_\_\_. *CGCFN-1201. Manual de fundamentos das operações terrestres de fuzileiros navais*. Rio de Janeiro: Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais, 1989.
- \_\_\_\_\_. *CGCFN-50. Manual de planejamento dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais*. Rio de Janeiro: Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais, 2008b.
- \_\_\_\_\_. Estado-Maior da Armada. *EMA-305. Doutrina básica da Marinha*. Brasília: Estado-Maior da Armada, 2014. 2ª Revisão.

- \_\_\_\_\_. Ministério da Defesa. *Estratégia Nacional de Defesa*. Brasília: Ministério da Defesa, 2008c.
- \_\_\_\_\_. *MD33-M-08. Manual de operações de evacuação de não combatentes*. Brasília: Ministério da Defesa, 2013b.
- \_\_\_\_\_. *MD35-G-01. Glossário das Forças Armadas*. Brasília: Ministério da Defesa, 2007a.
- \_\_\_\_\_. *MD30-M-01. Doutrina de operações conjuntas*. Brasília: Ministério da Defesa, 2011.
- \_\_\_\_\_. Ministério das Relações Exteriores. *Combate à pirataria e aos ilícitos marítimos no Golfo da Guiné*. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 2013c. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/sala-de-imprensa/notas-a-imprensa/combate-a-pirataria-e-aos-ilicitos-maritimos-no-golfo-da-guine>. Acesso em: 1º jul. 2013.
- CHENOWETH, H. Avery; NIHART, Brooke. *Semper fi: the definitive illustrated history of the U. S. Marines*. New York: Main Street, 2005.
- CORBETT, Julian Stafford. *Some principles of maritime strategy*. London: Longmans, Green and Co, 1911.
- DUARTE, Paulo de Queiroz. *Conflito das Malvinas*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1986. v. 1.
- EUA. United States Marine Corps; United States Navy; United States Coast Guard. *Naval Operations Concept*. [Washington]: 2010. Disponível em: <http://www.navy.mil/maritime/display.asp?page=noc.html>. Acesso em: 21 jul. 2013.
- EUA. War Department. Military Intelligence Service. British Commandos. *Special Series*. Washington, n. 1, 9 ago. 1942. Disponível em: <http://carl.army.mil/wwII/spec/number01.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2013.
- FELLET, João. Pirataria e terrorismo na África podem afetar Brasil, diz Amorim. *BBC Brasil*. Londres, 2013. Disponível em: [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/05/130502\\_amorim\\_entrevista\\_pai\\_jf.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/05/130502_amorim_entrevista_pai_jf.shtml). Acesso em: 15 maio 2013.
- FORD, Ken. *Operation Archery*. Oxford: Osprey, 2011.
- GUIMARÃES, Paulo César C. B. Tinoco. *Evacuação de não combatentes*: Líbano 2006. Rio de Janeiro: Centro de Adestramento Almirante Marques de Leão, 2010. Palestra ministrada para o Seminário de Operações de Evacuação de Não Combatentes do Ministério da Defesa, em 26 ago. 2010.
- HERNÁNDEZ, Jesús. *Operações secretas da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Madras, 2012.
- HOFFMAN, Jon T. *From Makin to Bougainville: Marine Raiders in the Pacific war*. Washington: Marine Corps Historical Center, 1995. Disponível em: [http://www.nps.gov/history/history/online\\_books/npswapa/extContent/usmc/pcn-190-003130-00/sec4.htm](http://www.nps.gov/history/history/online_books/npswapa/extContent/usmc/pcn-190-003130-00/sec4.htm). Acesso em: 16 jun. 2013.
- MONTEIRO, Alvaro Augusto Dias. A próxima singradura. *O Anfibio*. Rio de Janeiro: Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. Edição extra, 2010. p. 9 a 65.
- MURPHY, Edward F. *Semper fi Vietnam: From Da Nang to the DMZ – Marine Corps Campaigns, 1965 – 1975*. New York: Presidio, 2003.
- ONU. United Nations Human Settlements Programme. *State of world's cities: 2010/2011*. Malta: Gutenberg, 2008. Disponível em: <http://www.unhabitat.org/pmss/listItemDetails.aspx?publicationID=2917>. Acesso em: 6 ago. 2013.
- ONU. United Nations Atlas of the Oceans. *Human Settlements on the Coast*. Disponível em: <http://www.oceansatlas.org/servlet/CDSServlet?status=ND0xODc3JyY9ZW4mMzM9KiYzNz1rb3M~>. [New York]: 2010. Acesso em: 6 ago. 2013.
- PIKE, John E. Operation Desert Sting. Alexandria, Virginia: 2011. Disponível em: <http://www.globalsecurity.org/military/ops/desert-sting.htm>. Acesso em: 14 jul. 2013.
- REINO UNIDO. Royal Navy. The Fleet. The Royal Marines. 3 Commando Brigade. *History*. [Londres]: 2013. Disponível em: <http://www.royalnavy.mod.uk/The-Fleet/The-Royal-Marines/3-Commando-Brigade/History>. Acesso em: 22 maio 2013.
- ROSKILL, S. W. *The war at sea 1939-1945*. Londres: Her Majesty's Stationary Office, 1956. v. II. Disponível em: <http://www.ibiblio.org/hyperwar/UN/UK/UK-RN-II/UK-RN-II-4.html>. Acesso em: 31 maio 2013.

- SHULIMSON, Jack; JOHNSON, Charles M. *U. S. Marines in Vietnam*. Washington: History and Museums Division, Headquarters, U.S. Marine Corps, 1978. Disponível em: <http://ehistory.osu.edu/osu/books/1965/>. Acesso em: 23 jul. 2013.
- SILVA, José Luiz Correa da; CHAIB, Carlos Jorge de Andrade; ROMUALDO, Manoel Luiz Ferreira; GIOSEFFI, José Carlos Silva. “O sistema de defesa nuclear, biológica, química e radiológica da Marinha do Brasil”. *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 133, n. 01/03, p. 96-112, jan/mar 2013.
- SILVA JÚNIOR, Leonel Mariano. *Incursão anfíbia com emprego de unidades de infantaria: Uma opção ainda válida?* Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2013. Monografia apresentada ao Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.
- TILL, Geoffrey. *Poder marítimo: una guía para el siglo XXI*. Buenos Aires: Instituto de Publicaciones Navales, 2007.
- YOUNG, Peter. *Comandos*. Rio de Janeiro: Renes, 1975.